



PERDAS MÚLTIPLAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA: ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

MULTIPLE LOSSES IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC: CASE STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF THE PERSON-CENTERED APPROACH

Antônio de Pádua Nunes Arruda dos Santos¹

Yasmin Alencar Guerreiro²

Andréa Batista de Andrade Castelo Branco³

Juliana de Almeida Silva⁴

Resumo: Objetivou-se analisar um caso clínico relacionado às perdas múltiplas no contexto pandêmico. Trata-se de um estudo qualitativo que utiliza o método estudo de caso de sujeito único. Uma cliente foi atendida em dez sessões na modalidade *online* de Aconselhamento Psicológico com suporte na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. Utilizou-se a observação sistemática e o registro de informações em roteiro de campo. Os atendimentos foram gravados em vídeo, transcritos e analisados. Os resultados dividiram-se em três tópicos: 1. Perda de um ente querido e de uma parte de si; 2. Separação e perda do companheiro idealizado; e 3. Desemprego e mudança de cidade. Conclui-se que as intervenções centradas na pessoa facilitaram a simbolização consciente das perdas múltiplas, de maneira incondicional, congruente e empática, com base no quadro de referência interno da cliente. Espera-se que esta investigação contribua para a fundamentação de intervenções em face das perdas múltiplas e encoraje novas pesquisas sobre este tema.

Palavras-chave: Terapia Centrada no Cliente; Luto; Estudo de Caso; Morte.

Abstract: The objective was to analyze a clinical case related to multiple losses in the pandemic context. This is a qualitative study that uses the single-subject case study method. A client was seen in ten sessions, in the online form of Psychological Counseling, from the perspective of the Person-Centered Approach. Systematic observation and recording of information in a field guide were used. The sessions were video recorded, transcribed and analyzed. Results: 1. Loss of a loved one and a part of oneself; 2. Separation and loss of the idealized partner; and 3. Unemployment and moving to another city. It's concluded that person-centered interventions facilitated the conscious symbolization of multiple losses, in an unconditional, congruent and empathetic way, based on the client's internal frame of reference. It is hoped that this research will contribute to the foundation of interventions in the face of multiple losses and encourage new research on this topic.

Keywords: Client-Centered Therapy; Grief; Case study; Death.

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: paduanunes@alu.ufc.br

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: psi.yasminalencarufc@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: andrea.andrade@ufc.br

⁴ Mestra em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira. UFBA, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: julianapsicoalmeida@gmail.com



1 Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia em março de 2020. Tal acontecimento, que tomou proporções globais, apresentou a primeira confirmação em Território Brasileiro em 26 de fevereiro de 2020 (Oliveira *et al.* 2020), propagando-se rapidamente por todo o País. Segundo o Ministério da Saúde, somente no Brasil, até o dia 29 de outubro de 2024, já foram registrados mais de 713 mil óbitos acumulados em decorrência da Covid-19 (Brasil, 2024). Esses indicativos evidenciam a magnitude do cenário sanitário e os possíveis influxos psicossociais relacionados a incertezas, medo e morte.

Em expressas circunstâncias, as experiências de luto tornaram-se mais frequentes na atmosfera cotidiana. Constatou-se uma soma de tipos diversos de lutos, como a perda de emprego decorrente da conjuntura socioeconômica, o prejuízo da liberdade e de mobilidade relacional ou a perda relacionada ao falecimento de pessoas queridas. Assim, intensificou-se o sofrimento psíquico decorrente das medidas de distanciamento e isolamento social, porquanto houve barreiras no contato com pessoas contagiadas ou internadas, restrição na realização de rituais fúnebres e de despedida, bem como interrupção de atividades sociais que funcionam como estratégias de enfrentamento para os enlutados (Todesco, 2020), repercutindo diretamente nos modos de elaboração do luto. Essa sobreposição de perdas no período de pandemia, compreendida como perdas múltiplas, também pode ser percebida como um fator complicador do luto.

Nesse panorama, torna-se necessário compreender as especificidades da elaboração do luto em tempos de pandemia de covid-19, bem como as estratégias de enfrentamento e suporte disponíveis para aqueles que sofrem com essas perdas durante um processo terapêutico. O manejo do luto em tempos de pandemia ou de pós-pandemia é um desafio que exige uma abordagem sensível por parte dos profissionais de saúde mental, considerando a vulnerabilidade social e a singularidade das experiências (McLauren, 2010).

Nesse sentido, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida pelo psicólogo Carl Rogers, tem se mostrado uma perspectiva valiosa para facilitar a simbolização consciente daqueles que sofrem com as perdas decorrentes da pandemia. A ACP enfatiza a importância do vínculo entre terapeuta e cliente, assim como imprime realce à valorização da experiência subjetiva do indivíduo. Isso significa que o terapeuta deve estar atento às próprias atitudes e às necessidades internas do cliente, acolhendo os



sentimentos e emoções de forma empática, congruente e incondicional no contexto de perda e luto (Larson, 2013).

Destarte, este estudo busca tecer compreensões da seguinte pergunta-problema: Como se dá a elaboração de luto de uma cliente atendida na perspectiva centrada na pessoa, durante o período da pandemia de covid-19? Este trabalho objetiva produzir um estudo de caso, no qual se observam perdas múltiplas no contexto de pandemia, dentre as quais o luto perante o óbito de um membro familiar por Covid-19. A expectativa é de que a investigação sob glosa concorra para o debate acadêmico e clínico sobre o tema, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e humanizadas no enfrentamento das perdas decorrentes da pandemia. Considera-se, portanto, uma pesquisa relevante, do ponto de vista assistencial e científico, e alinhada às demandas contemporâneas.

2 Método

O presente artigo constitui desdobramento de uma dissertação de mestrado vinculada ao programa de mestrado profissional em Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao edital PIBIC 2022-2023 da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trata-se de um estudo de caso individual de caráter qualitativo. Consoante Yin (2015), um estudo de caso configura um método que objetiva compreender, detalhadamente, um fenômeno recente de maneira contextualizada e integral, ou seja, o evento e seu contexto passam a ser tratados como um só. No âmbito da Ciência Psicológica, em especial nas pesquisas relacionadas ao processo terapêutico, o estudo de caso é apropriado a auxiliar na análise de condições comportamentais, emocionais e cognitivas que determinada pessoa denota em certo contexto. Isto, por sua vez, enseja maior entendimento acerca do processo de mudança, conforme uma visão subjetiva da terapia.

Realizou-se, pois, neste passo, uma prática de Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa, na modalidade *online*, formato de atenção regulamentado pelo Conselho Federal de Psicologia desde 2018, assente na Resolução CFP 11/2018. Rodríguez-Ceberio *et al.* (2021) trazem à tona alguns dos principais desafios referentes a esta forma de atendimento, sendo eles de cunho tecnológico, como a má conexão de internet, e ambientais, à exemplo de ruídos e interrupções na sessão. A eficácia desse cuidado, entretanto, tem sido comprovada no acompanhamento de casos diversos de



sofrimento psíquico intenso (Feijó *et al.* 2021). Apesar do reconhecimento dessa maneira de atendimento, a matéria ainda reclama literatura específica, isto é, atinente ao processo de cuidado e ao entendimento da elaboração de luto pela via deste molde de proceder a uma intervenção.

A estratégia de obtenção de material empírico utilizada foi a observação sistemática, entendida por Cano e Sampaio (2007) como observação na qual o observador já define anteriormente o fenômeno que vai investigar e suas respectivas categorias de análise. No caso sob exame, foram observadas as gravações de vídeo na plataforma Google Meet, de dez sessões de atendimentos *online* e gratuitos, realizados por uma psicóloga centrada na pessoa nos meses de outubro de 2022 a janeiro de 2023. As sessões tiveram duração aproximada de 55 minutos. Além da análise das gravações mencionadas, os pesquisadores realizaram as transcrições das sessões, transformando os conteúdos verbais e não-verbais em teor escrito, com o fito de preservar seu significado e favorecer a análise dos dados.

Os principais objetivos das intervenções centradas na pessoa estavam circunscritos à proposta de Aconselhamento Psicológico. Ao invés de enfatizar a história de vida pregressa da cliente, os eventuais sintomas psicopatológicos ou traumas antigos, sem estabelecer uma previsão de final do processo, aspirou-se a focar nos aspectos da experiência consciente e nas potencialidades da cliente para lidar com a situação-problema atual (Scorsolini-Comin, 2014), acordando uma média de 10 atendimentos.

O instrumento de coleta e registro foi estabelecido previamente, consistindo em um roteiro de campo elaborado pelos pesquisadores, cujos itens reportam-se à compreensão da estrutura de *self* e da simbolização do luto no contexto da pandemia, incluindo as reações emocionais da cliente e os significados atribuídos às perdas, bem como as principais mudanças identificadas durante o processo terapêutico.

Sobre os aspectos éticos desta pesquisa, a participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na ocasião, foram explicados os objetivos da pesquisa e os possíveis riscos e benefícios. Além disso, foi informado que poderia desistir do processo terapêutico e/ou da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum tipo de punição, e que haveria em todo o processo a garantia do anonimato. Seguiu-se os princípios éticos estabelecidos pela Resolução n° 466/2012 que trata de pesquisas com seres humanos e pela Resolução n° 04/2020 do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia da informação



e da comunicação no período de pandemia do Covid-19. O estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (nº CAAE: 60491322.5.0000.5556).

3 Resultados e Discussão

3.1 Descrição do caso

A participante desse estudo chama-se Fabíola (Nome fictício), de 44 anos, católica, desempregada e solteira. A cliente residia sozinha em uma região metropolitana e trabalhava em uma empresa, mas durante o contexto de pandemia, viu-se obrigada a se mudar para uma cidade do interior, onde reside até o momento. Tal mudança se deu, principalmente, em decorrência do adoecimento e posterior falecimento de seu pai, vítima da Covid-19. A cliente passou a morar com a mãe para fazer-lhe companhia e ajudá-la nos seus cuidados à saúde. Para além do luto decorrente da morte de seu familiar, Fabíola relatou a sobreposição de outras perdas: a demissão do emprego e a perda de autonomia financeira, a separação após traição do seu então companheiro, e a mudança para uma cidade de menor porte, em relação àquela onde residia. Diante do sofrimento psíquico intenso, Fabíola já havia iniciado acompanhamento psiquiátrico antes do início da pesquisa, fazendo uso de psicofármacos para ansiedade e depressão. A cliente informou também que já tinha feito acompanhamento psicológico, mas precisou interromper por pretextos financeiros. A principal queixa inicial da cliente referia-se à perda do ente querido no contexto da pandemia. Nos tópicos seguintes, descrevem-se e analisam-se as principais perdas e mudanças identificadas durante o processo terapêutico.

3.2 A perda de ente querido e de uma parte de si

A perda de um ente querido com proximidade afetiva é, ordinariamente, um acontecimento significativo na existência de um indivíduo, porquanto possibilita maior tomada de consciência da própria finitude. Com efeito, o decurso do luto pode ser difícil e doloroso, afetando a maneira como o enlutado se relaciona consigo e com o mundo. Por outro lado, a capacidade de ser autêntico e de expressar os sentimentos (Rogers, 2019) no processo terapêutico de elaboração de luto contribui para a simbolização consciente da perda, possibilitando crescimento pessoal e redução de tensão psicológica.

Nesse sentido, o intuito da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), ao lidar com pessoas enlutadas, é fornecer um espaço de consideração positiva incondicional, que consiste em promover um ambiente de escuta, livre de julgamentos, pressões e coerções



personais do terapeuta, auxiliando o cliente a admitir o eu real, expressando seus sentimentos, atitudes, ambiguidades e problemas (Almeida, 2009; Larson, 2013). Para a ACP, a pessoa é a maior *expert* de sua vida, compondo um quadro gestáltico acerca da capacidade de responder a determinadas situações, com amparo no princípio de que o cliente é aquele que melhor pode compreender a sua experiência de perda (Haugh, 2012).

A história do relacionamento de Fabíola com seu pai é marcada tanto por elementos de proximidade e identificação, quanto por fatores de discórdia e antipatia. Já na primeira sessão, Fabíola afirmou possuir uma certa semelhança com o pai. Ambos eram “turrões (SIC)” e serviram de “arrimo (SIC)” para a família. Desde a infância, a cliente foi ensinada a ser independente: “Meu pai nunca deixou faltar o básico pra gente, água, comida, mas o resto você tinha que conquistar, e eu conquistei”. Apesar da identificação e admiração pelo pai, o relacionamento entre os dois se mostrou bastante conflituoso e dual. De uma parte, havia a valorização das semelhanças entre eles e, da outra vertente percebiam-se mágoas e reprovação de determinados comportamentos do pai. É comum que os indivíduos enlutados romantizem a imagem de seu ente querido falecido (Haugh, 2012), no entanto, Fabíola expressava sentimentos ambíguos em relação à figura paterna, oscilando entre o amor e o rancor. Nesse ínterim, o processo terapêutico possibilitou a compreensão e validação dessas emoções, além de propiciar a elaboração e integração das percepções, por vezes, conflitantes entre si, que a cliente tinha acerca do pai.

Muitos são os fatores que influenciam na vivência e na experiência do decurso de luto, tais como: características da pessoa falecida, história pessoal do enlutado, natureza do vínculo desta relação, personalidade do enlutado, circunstâncias da perda e variáveis sociais (Worden, 1983). No presente caso, os dois últimos elementos emergem como pano de fundo, para um luto que se torna figura na vida da paciente. Isso se exprime em um contexto da pandemia que desencadeou impactos sanitários e psicossociais, perpassando as pessoas, não apenas individual, mas também coletivamente. As perdas no contexto pandêmico possuem, por si, algumas especificidades em relação a outras conjunturas, pois haviam o sentimento de luto coletivo, restrições de acesso a rede de apoio, o medo de contrair a doença, o grande fluxo de informações nem sempre confiáveis e a dissolução do reconhecimento das perdas em meio ao grande quantitativo de óbitos (Nabuco; Oliveira; Afonso, 2020; Carr; Boerner; Moorman, 2020).

Foi no âmbito dessa realidade que o pai da cliente adoeceu, e Fabíola se viu obrigada a retornar para sua cidade de origem, a fim de auxiliar e cuidar de seus parentes.



Aportada ao seu destino, recebeu a notícia de que seu pai fora internado em um hospital público, adentrando rapidamente, a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Na época, a tecnologia atuou como mediadora do contato entre os pacientes internados por Covid e seus familiares, tendo Fabíola realizado quatro chamadas de vídeo com seu pai no período de hospitalização.

No caso de Fabíola, a perda do pai foi um fator decisivo para desencadear perdas múltiplas e a exigência de reconfigurações existenciais. Sem a possibilidade de dar vazão ao sofrimento vivido na ocasião, todavia, optou por omitir os sentimentos de dor, angústia e desespero, pois a família parecia estar aceitando a nova realidade da perda mais rapidamente, enquanto a cliente ainda sentia a necessidade de ter mais tempo para elaborar o luto: “A impressão é que minha família toda tá seguindo a vida e eu não estou seguindo, (...) eu não consigo seguir”. Ao longo das sessões, Fabíola foi compreendendo que o luto é um fenômeno complexo e heterogêneo, no qual cada pessoa experiencia de forma particular e em um tempo próprio para se reorganizar diante da perda. Por mais que as reações de luto possam ser descritas e generalizadas, considera-se que cada qual possui uma história de vida singular, com valores individuais e configuração única de si (Haugh, 2012).

A elaboração de luto da Fabíola foi permeada por momentos de maior intensidade de sofrimento psíquico, especialmente próximo às datas importantes, como o aniversário de nascimento e o dia da morte do pai, sendo algo recorrente em casos semelhantes (Siqueira; Azevedo, 2020). Um trecho que exemplifica as reações emocionais e fisiológicas nos períodos das datas significativas é extraído do relato neste fragmento:

E eu já prestei atenção que, assim, no dia do aniversário dele de nascimento, é algo, assim, muito, muito doloroso. É algo, assim, mil vezes mais triste que os outros dias. Eu, eu não, não entendo o porquê. Eu tive náusea, vomitei, eu tive enxaqueca o dia todo, chorei praticamente o dia todo (Fabíola, Sessão 3).

As restrições impostas pelo isolamento social no período da pandemia potencializaram o sofrimento de muitos enlutados, dificultando o compartilhamento das experiências de perda. As medidas de controle de disseminação do novo coronavírus impediram que muitos componentes familiares e amigos fossem se despedir pessoalmente de seus entes queridos nos hospitais e participarem dos rituais de enterro ou velório que, tradicionalmente, se configuram como formas de alongar o convívio com o ente falecido, auxiliando na elaboração desta perda. (Souza; Souza, 2019). Na terceira sessão, Fabíola relatou que “A pandemia tirou a chance de enterrar as pessoas com dignidade, fazer um velório com dignidade, num teve isso. Se tivesse tido, eu estaria mais em paz.”



Posteriormente, no sétimo encontro, ela ainda verbalizou: “Eu estou tentando descobrir porque que eu sinto tanto a morte dele. Não sei se porque eu não consegui me despedir dele.” Isso denota que as experiências de luto são social e culturalmente situadas (Haugh, 2012).

No caso em tela, a participante narrou durante a quarta sessão: “Essa é uma parte, assim, que você não consegue entender, porque um monstro de uma doença, que monstro, que vírus maldito. Uma pessoa que não fazia mal a uma barata, morrer sozinho”. A participante exprime indignação pelo fato de o pai ter morrido sem a presença dos familiares. No quinto atendimento, a cliente relata um sentimento de culpa em consequência da sensação de ter abandonado alguém amado: “Eu lembro da última ligação ele dizendo [choro]: ‘você me abandonaram, você me deixaram só’. Eu nunca vi meu pai pedindo ajuda, arrego, mas ali, ele pediu.”. O sentimento de culpa e a percepção de injustiça frente ao óbito de alguém amado, relacionado ao adoecimento por Covid-19, são reações recorrentes, passíveis de se configurar como um fator complicador no processo de assimilação da nova realidade (Morris; Moment; Thomas, 2020).

Nesse processo de apreensão da nova realidade, da integração do *self* e dos seus novos papéis durante um processo de luto, é frequentemente marcado por sentimentos de aflição, sofrimento e desesperança, que, ao longo do tempo, adquirem o formato de irrupções esporádicas (Montero, 2019). O tempo e a maneira como tal assimilação ocorre em contexto pandêmico, é, no entanto, perpassado por variados fatores como a ausência do corpo, privação de encontros significativos com pacientes em processo ativo de morte, a sensação de situações inacabadas e as constantes respostas emocionais de contrição e arrependimento (Mayland *et al.* 2020; Carr; Boerner; Moorman, 2020). Fabíola, na sessão 3, ressaltou que as imagens de seu pai no leito de hospital e a sensação de culpa são eventos marcantes que reverberam significativamente no momento: “São imagens que é muito difícil tirar da cabeça. A culpa também, porque eu não pude fazer nada né, ninguém podia fazer nada”.

Um ponto que se apresentou contundente no caso sob notação refere-se ao contexto sociopolítico do Brasil no pico da pandemia, quando emergiram declarações controversas do então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que negava a real proporção da pandemia. O citado político foi responsável por defender e disseminar maneiras ineficazes de combate à doença, a exemplo da imunidade de rebanho e do uso de medicamentos que não possuíam comprovação científica (Almeida-Filho, 2021). Na primeira sessão, a cliente relatou a demora com a qual o governo brasileiro adquiriu as



vacinas e as distribuiu, evidenciando uma sensação de revolta ante a morosidade nas tomadas de decisão por parte do poder público: “Às vezes, eu fico perguntando o motivo, por que ele foi desse jeito? Na época, já tinha condições de ter comprado a vacina. (...) Se ele tivesse tomado, assim como milhares de pessoas tivessem tomado, estariam vivas”.

A fala do ex-presidente que trouxe mais repercussões ao processo de luto de Fabíola ocorreu em 18 de março, dia em que o político simulou e satirizou uma pessoa com falta de ar, sintoma recorrente em pacientes com casos graves de covid-19 (Mendonça, 2021). A cliente afirmou:

Milhares de vidas foram perdidas, porque ele (Bolsonaro) tripudiou, enquanto meu pai estava tentando falar comigo, puxando o ar pra respirar. Eu não vou esquecer isso, não tem como eu esquecer isso. Aliás, eu torço pra esquecer um pouco, porque se não, eu não vou poder viver. Enquanto meu pai estava puxando o ar pra falar comigo, com confusão, eram esses os sintomas da Covid, o cara (Bolsonaro), simplesmente o chefe de estado, tripudia em cima disso. As pessoas perderam a noção do sentido, o quanto isso é grave, o quanto isso adocece. Adoeceu o meu pai, como adoeceu muita gente por aí uma hora dessa (Fabíola, Sessão 2).

O relato da cliente denota indignação diante do modo como o ex-presidente conduziu o enfrentamento da pandemia da Covid-19 e a forma como lidava com as mortes, impactando no modo como atribui significado à perda vivenciada. A cena do Presidente simulando um paciente com falta de ar coincidiu com o período em que o pai da cliente estava hospitalizado, mostrando os mesmos sintomas. A situação deixou Fabíola bastante mobilizada.

Além disso, a morte do pai da Fabíola ensejou mudanças na dinâmica familiar e na redefinição de papéis. Muitos indivíduos desempenham novos papéis e funções que antes não eram da sua responsabilidade, a fim de compensar a perda e propiciar a coesão do sistema familiar (Ramos, 2016). Fabíola se viu assumindo os cuidados da mãe, que antes recebia maior apoio do marido falecido. As novas responsabilidades recaíram de modo significativo para a cliente:

É como se eu tivesse me sentindo abandonada, meu pai tipo saiu e deixou uma carga [choro]. Não é que minha mãe seja uma carga, mas ela é pesada, é totalmente dependente. (...) Meu pai fazia tudo pra ela e eu tenho receio que ela vindo morar comigo, eu me tornar a figura do meu pai (Fabíola, Sessão 1).

Observam-se, no trecho acima, reações que há frequentemente em cuidadores de idosos: a sensação da perda parcial da liberdade, o receio de passar a um estado de ausência de vida social e a inexperiência frente a demanda de cuidado (Santos *et al.* 2020). No caso em cena, destaca-se que a paciente morava sozinha há mais de 20 anos e, ao se deparar com a necessidade de precisar acolher sua mãe dentro de sua casa, sente seu



espaço sendo violado, restringindo sua liberdade. A cliente narra também uma certa preocupação da mãe projetar nela o papel que era desempenhado pelo pai, trazendo possíveis exigências e expectativas sobre sua função de cuidadora.

Na segunda sessão, a cliente revelou que uma das suas formas de lidar com as tensões geradas pelas perdas foi o uso intensificado de cigarro: “Depois que meu pai morreu, comecei a fumar mais, se tornou um hábito. Eu sei que não faz bem para mim, mas é uma fuga. (...). A solidão, talvez, me faça pegar o cigarro, tenho me sentido muito sozinha”. O uso de drogas, lícitas ou ilícitas, pode ter como finalidade o alívio de angústias, buscando um estado de tranquilidade e/ou prazer imediato (Medeiros *et al.* 2013). Eventos estressores, como o luto, implicam grande desorganização psíquica, que aumenta os níveis de ansiedade, promovendo uma constante sensação de ameaça ao *self*. É nesse momento que o indivíduo se utiliza dessas substâncias como anteparo para sua tensão psíquica.

O processo de luto também trouxe mudanças no sono de Fabíola: “Minhas noites estão muito conturbadas, tem noites que eu durmo bem, tem dias que eu não consigo, mesmo à base de remédio”. As pessoas que perdem entes queridos costumam vivenciar alterações de sono durante as primeiras semanas após o falecimento (Guimarães; Marinho; Pimentel, 2023), no entanto se torna preocupante a continuidade desses problemas após um período mais longo, como é o caso da Fabíola. O sono é uma necessidade orgânica que permite exercer as principais funções restauradoras do corpo.

A cliente também exibiu uma ideação suicida na segunda sessão mediante uma rigidez perceptiva de que a morte seria a forma de aliviar suas dores. A cliente não identificava outras formas de lidar com o sofrimento diante da perda:

É como se fosse um martírio de ter que levantar e ter mais um dia. Já pensei em coisas ruins. Tipo assim, de querer acabar com as minhas coisas, com a minha vida. (...) Tudo se agravou mais após a perda do meu pai, da maneira que ele foi. (...) Eu penso em tomar a caixa toda de medicamento, mas não posso fazer isso comigo, nem com as pessoas que ficariam (Fabíola, Sessão 2).

O relato denota que a morte do pai representa dor insuportável na existência de Fabíola. O processo terapêutico, no entanto, favoreceu maior fluidez para a cliente pensar e agir no mundo (Rogers, 2019). No decorrer do processo, Fabíola encontrou um ambiente de escuta, acolhimento e compreensão, no qual ela se viu capaz de integrar as distintas partes de sua relação com seu pai. Isto permitiu que ela adotasse uma atitude de



maleabilidade na experiência de construir sua realidade, integrando-se para tornar-se quem de fato é, mesmo com suas contradições (Rogers, 2019).

Na sessão sete, ela verbaliza que: “Eu nunca imaginei que um luto fosse tão difícil, que a ausência de um pai, de uma mãe fosse tão difícil”, mas complementa: “Eu aprendi muita coisa com esse luto, sabe? Que a vida tem que seguir né, ela tem que seguir”. Embora compreenda que o luto é um *continuum* e, por vezes, bastante doloroso, a cliente não se via mais como passiva diante da realidade, mas como alguém mais implicada na sua situação-problema.

3.4 Separação e perda do companheiro idealizado

O luto amoroso é diferente de outras formas de luto devido à natureza íntima do vínculo perdido e ao fato de ser frequentemente associado a uma decisão voluntária de término, ao contrário das perdas ocorridas mediante falecimento, que é involuntária. Desse modo, é fundamental entender a singularidade do luto amoroso (Silva; Okamoto, 2020). Além disso, um dos possíveis fatores agravantes desse processo, é quando tal perda não é socialmente aceita e legitimada, caracterizando um processo de luto não reconhecido (Doka, 1989). Aqui, a cliente experimenta o fim de uma relação amorosa de longa data, pouquíssimo tempo antes do falecimento de seu pai. Nesse sentido, Fabíola já se encontrava emocionalmente fragilizada quando o pai morreu, gerando uma sobreposição de perdas.

A relação entre a cliente e seu companheiro era marcada por um contexto no qual passavam períodos distantes um do outro, visto que ele residia em uma cidade diferente, mas a visitava com frequência. O relacionamento já durava quatro anos quando a cliente soube da traição de seu companheiro. Fabíola descobriu que era considerada a amante, pois ele já era casado com outra mulher que era reconhecida como esposa. Neste instante, Fabíola se vê repetindo a história da relação de seus pais, marcada por traições do pai, algo verbalizado no atendimento:

Foi uma traição. Uma das coisas que meu pai fazia e eu nunca gostava. Por isso, que eu batia de frente com ele, ele traía muito a minha mãe, muito. Por esse lado, eu acabei passando pela mesma situação praticamente. E as histórias se repetem, mesmo enredo (Fabíola, Sessão 1).

Ao falar, no sétimo atendimento, sobre a traição do companheiro, a cliente afirma que: “Não aceito traição. Pra mim, traição é defeito sério de caráter”. Novamente, ela traz à tona o exemplo da relação dos pais, afirmando: “Eu vi minha mãe sendo chifrada a vida



toda. Nunca quis isso pra mim, nunca quis”. Ao descobrir a traição do parceiro, Fabíola perdeu a imagem idealizada do companheiro, pois a traição não correspondia aos valores dela. Ademais, experimentou um sentimento de dualidade em relação ao pai, visto que o percebia como um exemplo a ser seguido, mas que apresentou uma conduta questionável no papel de marido.

Na segunda sessão, a cliente volta a se questionar se o seu relacionamento amoroso não teria sido impactado pela vivência dos pais. “Talvez, por tanta mágoa que eu vivi na minha vida, não consegui enxergar o casamento realmente como uma coisa boa. Por conta dessa questão com o meu pai”. O relato denota que as traições do pai e do companheiro fizeram com que a cliente atribuísse uma significação pessoal negativa ao casamento. Assim, observa-se que a elaboração do luto e a ressignificação da relação da cliente com o pai trouxeram implicações para outras relações interpessoais da cliente.

Alguns padrões de agir no mundo com outros indivíduos são estabelecidos ainda na infância com base no relacionamento da criança com seus pais e, posteriormente, replicados em outras relações que o indivíduo possua (Sophia; Tavares; Zilberman, 2007). Rogers e Kinget (1977) sinalizam, no entanto, que a personalidade não é inerte, mas se encontra em adaptação contínua. Ou seja, por mais que a relação parental guie inicialmente a forma de vinculação da pessoa com os outros, os modos de se relacionar são modificáveis mediante novas experiências diretas. A tomada de consciência de valores introjetados, a ampliação perceptiva e a integração de novos elementos ao *self* favorecem essas mudanças. Assim, o processo terapêutico possibilitou a Fabíola rever alguns valores relacionados às vivências com o pai.

O fim de uma relação amorosa não representa apenas a perda do convívio com uma pessoa amada, mas reflete também na dissolução de ideais e de projetos, dentre eles da maternidade. O papel de ser mãe possui uma construção que envolve distintos aspectos como contexto social, discurso biológico e cultural, sendo o ideal de maternidade atravessado pela ideia de casamento como expressão máxima da conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Tal realidade se apresentou no quadro em tela mediante um investimento afetivo da cliente em seu companheiro, que propiciou a projeção de uma relação de maternidade frustrada com a traição, conforme ela assinala em atendimento:

Sou uma pessoa reservada. A única pessoa que eu consegui me abrir de verdade, fez o que fez. Depois daí, eu fiquei mais reservada ainda. (...) Esse último relacionamento foi o único que eu senti a vontade de ter um filho. (...) Eu descobri que ele não era fértil depois que descobri que ele era casado (Fabíola, Sessão 1).



O relato evidencia que Fabíola demonstrou comportamento defensivo após a decepção amorosa, e que a separação frustrou seu desejo de ser mãe. Aos 44 anos, a cliente vê a possibilidade de uma gravidez se distanciando cada vez mais, tendo em vista o fim do ciclo fértil com o início da menopausa. Soma-se a isso, uma visão do contexto em que Fabíola está inserida, residindo em uma cidade do interior, onde os papéis de mãe e de esposa não apenas são valorizados, mas desempenham uma categoria social fundamental nessa sociedade, exercendo uma pressão social sobre os indivíduos ali inseridos (Stropasolas, 2004). Embora tenha desejado o casamento e a maternidade, sente-se incomodada quando a sociedade coloca isso como obrigação para a mulher: “A minha família acha que eu tenho que casar. A minha família acha que eu só vou ser feliz se eu casar. Fica essa pressão, fica essa coisa em cima de mim, não consigo lidar com isso.”

Após o término de uma relação amorosa, também é comum a perda da autoestima (Nascimento *et al.* 2021). No presente caso, Fabíola relatou insegurança quanto ao seu corpo, a sua feminilidade, fazendo com que ela se afastasse de atividades e locais, a fim de evitar julgamentos quanto ao seu corpo e a sua forma de se portar socialmente. Essa realidade se exprime no seguinte trecho:

Eu tenho piscina, só que autoestima... Biquíni, maiô, acima do peso, aí eu fui meio que me afastando desses lugares que eu gosto muito, tanto praia quanto piscina. (...) Que minha baixa autoestima também tá, além do luto, além das coisas que eu passei, tá muito ligada à questão emocional. E eu não me aceito da forma que eu estou, acima do peso, eu não me aceito, não adianta (Fabíola, Sessão 5).

Em algumas relações amorosas, os indivíduos tendem a se unir de tal forma com seu parceiro que os limites do *self* de cada um se confundem, passando a existir cada vez menos um “eu” e um “outro”, e cada vez mais um “nós”. Essa simbiose repercute também na finitude da relação, na qual perder o parceiro também representa perder uma parte de si mesmo. A relação simbiótica provoca uma forma inautêntica de agir sobre o mundo, uma vez que há valores, crenças e experiências pertencentes a um outro que são incorporados irrefletidamente às próprias (Rogers; Kinget, 1977).

Na sétima sessão, Fabíola reconheceu a responsabilidade por suas decisões e escolhas, se percebendo como singular e independente de uma relação, embora haja um ar de dúvida frente as suas próprias potencialidades: “Eu não preciso de um homem pra ser feliz, porque antes eu preciso ser feliz, ser feliz comigo. Porque se eu não sou feliz comigo, como eu posso fazer alguém feliz?”. Ao fim do relacionamento amoroso, Fabíola se deparou com a perda de seu emprego e, movida por um sentimento de vingança e



revolta, passou a exigir uma pensão para manter em segredo sua antiga relação com o parceiro, visto que a esposa dele não tinha conhecimento da relação extraconjugal do marido.

3.5 Desemprego e mudança de cidade

Durante as sessões, nos momentos em que a cliente se encontrava em um movimento de rememoração e elaboração acerca do falecimento de seu ente querido, emergiram outras perdas que se correlacionaram à principal decorrente da morte do pai. Algumas perdas eram secundárias e outras não tinham relação direta com a morte do pai, mas traziam repercussões para a elaboração do luto da cliente.

É corrente a ideia de que, durante a vivência de uma perda primária, ocorram, concomitantemente, perdas secundárias. Muitas vezes, esses lutos subsequentes são negligenciados ou esquecidos em detrimento do luto pela morte da pessoa estimada. Tais perdas manifestam-se de diferentes maneiras e se caracterizam por diversas figuras, como a perda/mudança de função que se desempenhava no contexto familiar, perda de renda, mudança de casa ou de emprego, sobrecarga de novos papéis e perda do convívio. (Parkes, 1998).

No caso em tela, evidencia-se que o contexto da pandemia gerou a demissão de Fabíola, trazendo como consequência a perda de autonomia financeira, aspecto valorizado do autoconceito da cliente. Na sessão 1, a participante narra as repercussões emocionais após a perda do emprego: “O meu ponto é de trabalhar e de produzir. E isso me foi tirado, me dói, machuca muito”. Observa-se também que o papel de provedor exercido pelo pai era uma característica que Fabíola admirava e reconhecia como algo em comum entre os dois. Essa identificação com o pai aparece em diversos momentos do atendimento e é típica da elaboração das perdas, conforme narrado na terceira sessão: “Meu pai era voo, minha mãe era terra plana. (...) Eu preciso levantar voo, porque eu quero o meu sustento, não quero depender de ninguém”. Para a cliente, o trabalho representa sua independência, e o desemprego produz sofrimento.

A morte do pai, atrelada à demissão, motivou Fabíola a mudar de cidade para ficar mais próxima da família. A atual dependência financeira do ex-companheiro e da família desencadeou medo e angústia na cliente, pois ameaçava sua estrutura organizada de *self*, de acordo com o relato da segunda sessão: “O medo que bate é enorme, que eu vivo numa corda bamba. Tenho esse vínculo, dependendo financeiramente dele”. A dependência



financeira produziu um desacordo interno, pois não era possível admitir à consciência que seu eu ideal (mulher provedora e independente) se distanciava do eu real. Observa-se, de efeito, como as experiências de perdas se sobrepuseram na elaboração do luto de Fabíola.

Ressalta-se que a decisão de mudar de cidade não sucedeu apenas em decorrência do falecimento do pai, mas também devido à conjuntura pandêmica em que estava inserida. De acordo com Zhai e Du (2020), as pessoas experimentaram perdas de relacionamento, liberdade e emprego em um curto período, no contexto da pandemia de covid-19. Ou seja, a realidade pandêmica se expressou como um campo fenomenológico de perdas múltiplas.

Nesse sentido, percebe-se que durante a vivência do luto primário ocorre a vivência de variados outros tipos de luto. Fabíola se via como independente, pois considerava que saía de casa muito cedo e morava longe da família, fatores estes que a diferenciavam dos seus irmãos. A cliente deparou a necessidade de se mudar de uma metrópole para morar em uma cidade do interior, algo que não estava nos seus planos. A mudança de cidade desencadeou reação de choque ao evento inesperado, conforme o seguinte relato:

Vindo pra cá, eu fiquei meio que paralisada. Não sei se foi o choque que eu levei. Acho que sim, né? O choque porque, quando eu estava lá, eu tive uma época que eu cheguei a pensar assim: ‘Cara, eu só vou sair daqui, só se um dia eu receber um telefonema muito louco, de alguém da minha família. Assim, né, de uma notícia muito ruim, porque, fora isso, eu quero construir minha vida aqui.’ E foi exatamente o que aconteceu (Fabíola, Sessão 1).

Para a cliente, a mudança de cidade foi difícil, pois trouxe diversos complicadores, como a perda da expectativa de um crescimento profissional. A cliente perdeu o emprego e experimentou a dificuldade de se reestabelecer em um novo trabalho na atual cidade: “Você deita e acorda, e você não tem um trabalho ainda para ter suas rédeas na mão.” (Sessão 2). O desemprego, a crise econômica e a dificuldade de se realizar profissionalmente são aspectos atribuídos por ela, tanto em razão da mudança de cidade quanto à conjuntura da época. Em tempos de pandemia, o desemprego aumentou exponencialmente em todo o Brasil. Tais fatores evidenciam as especificidades que o recorte de um contexto de pandemia conduz na vivência e na elaboração de perdas da cliente.

Ademais, a morte do pai e a conseqüente reorganização familiar que procedeu à perda foram disparadores para o início de conflitos com a mãe. A nova responsabilidade de cuidar da mãe e a relação conflituosa na díade mãe-filha são objeto de movimentos existenciais, oscilando entre a sensação de fardo, pela intensificação da convivência diária



e suas características de personalidade, e a sensação de dinamismo, em que a mãe contribuiu para o retorno à vida e enfrentamento das mudanças após a perda. Fabíola trouxe isso à tona desde o início do processo terapêutico, destacando o incômodo: “É como se eu não tivesse mais tempo para mim. Isso me angustia, porque não estou bem comigo e ainda tenho que dar suporte e ter que tá bem com ela” (Sessão 1).

A narrativa de Fabíola evidencia que cuidar da mãe em um momento de fragilidade e de necessidade de autocuidado torna-se um desafio penoso. A cliente considera que não está emocionalmente bem para oferecer apoio emocional para a mãe. Ao mesmo tempo, assinala que a responsabilidade de cuidar da mãe, a exemplo do preparo das refeições, provoca um novo sentido para seu dia a dia: “Minha mãe perto, ela me traz, assim, dinamismo, né? Ela, de qualquer forma... O almoço, o café da manhã, a janta, tudo no horário... E eu realmente ando sem um horário, ando sem uma rotina” (Sessão 1). A fala da cliente denota que os cuidados com a mãe ajudam a organizar sua nova rotina.

A maior convivência com a mãe, após a mudança de cidade, potencializou também alguns desentendimentos entre as duas e alguns *insights* sobre a percepção de características da mãe. A cliente relata que se identificou com a experiência do pai, na época, vivo e cuidava da mãe de Fabíola: “Hoje eu percebo, eu estando aqui, tendo uma certa convivência com ela, as coisas que meu pai me dizia e que eu não me alertava. E hoje eu percebo tudo que meu pai percebia” (Sessão 10). Percebe-se, nesse momento, que a cliente volta a se reconhecer no papel do seu falecido pai. Durante o processo terapêutico de elaboração do luto, Fabíola teve a oportunidade de explorar melhor o autoconceito, as características próprias e seus relacionamentos familiares.

Fabíola também compartilha no atendimento sobre a ameaça da perda da privacidade, já que passariam a morar na mesma residência. De acordo com a cliente, a mãe não conseguiu se reestabelecer morando sozinha, após a morte do companheiro:

Ela tentou ficar sozinha, mas não conseguiu [balança a cabeça e comprime os lábios]. E aí ela vai vim pra cá. Aí lá se vai eu mexer de novo na minha privacidade. E ao mesmo tempo, é minha mãe. Ela também passa uma barra. (...) A pessoa que mora sozinha, é... ao mesmo tempo que eu sinto falta de uma companhia. Eu já... tem horas que eu acho que fiquei meio doída. Eu acho que tá deixando de ser solitude e voltando... chegando a ser uma solidão (Fabíola, Sessão 1).

O relato da cliente denota sentimentos ambíguos no relacionamento com a mãe, sugerindo que vai perder sua privacidade e que a percepção sobre o seu papel social de filha (e valores associados) pode contribuir para assumir os cuidados com a mãe. Além



disso, Fabíola reconheceu que a mãe passava por um momento difícil. Com efeito, a terapeuta cumpriu um papel importante de testemunha imparcial ante a morte do ente querido, uma vez que mãe e filha estavam lidando com a dor da perda. Pessoas enlutadas podem precisar de um terapeuta que acompanhem sua jornada de luto, visto que outros componentes familiares se encontram concomitantemente fragilizados para oferecer suporte emocional (Mclaren, 1998). Apesar da perda de privacidade, a cliente menciona que se sente sozinha e que a convivência com sua mãe é capaz de ajudá-la a lidar com a solidão. O contexto terapêutico permitiu que Fabíola tivesse maior clareza sobre seu contexto de vida, seus comportamentos e valores em relação à mãe.

Ao falar das duas cidades, Fabíola também aborda experiências paradoxais. Ainda que a nova cidade denote complicadores, dificuldades de adaptação e insatisfação em alguns aspectos, Fabíola considera que não havia condições de permanecer na sua antiga cidade. O adoecimento do pai por Covid-19, a desilusão amorosa, a perda do emprego e a pandemia foram fatores cruciais para não permanecer no local. A mudança trouxe o acolhimento de que precisava no período de elaboração do luto do pai em uma cidade com o ambiente mais pacato e acolhedor. Apesar disso, foi uma decisão difícil, pois Fabíola tinha uma identificação com a antiga cidade de moradia e a vontade de permanecer nela. Fabíola chegou à constatação que, independentemente da cidade de moradia, seus problemas poderiam acompanhá-la para qualquer lugar. Tais aspectos surgiram desde a primeira sessão, conforme observado no seguinte fragmento de fala:

Eu queria construir minha vida lá, onde me sinto bem. (...) Eu recebi um telefonema, meu pai estava com Covid e eu tive que sair de lá correndo, e não vi condições de continuar por lá. E não estou vendo condições de continuar aqui. (...) Então, eu aguentei, aguentei, no sentido, assim, de continuar lá. Tudo lembrava meu companheiro. (...) Eu sei que os problemas vão junto quando você sai de algum lugar (...) Eu sinto que aqui é pequeno para mim. Eu ainda quero crescer, entendeu? (Fabíola, Sessão 1).

De acordo com a cliente, a vinda para a cidade menor representou uma oportunidade relevante para uma reaproximação da família, já que não se percebia tão presente na vida dos pais. A cliente considerava essa ausência como decorrente do modelo do pai de independência e emancipação: “Eu tinha que pegar o modelo dele de independência e sair pro mundo, entendeu? Mas a culpa, a culpa hoje que eu carrego é essa, de não ter... a sensação de não ter feito mais”. A fala denota que Fabíola introjetou em sua estrutura de *self* as expectativas externas de ser uma pessoa independente, capaz de resolver tudo sozinha. Alguns elementos da experiência, no entanto, parecem que não foram vivenciados diretamente, de modo sensorial e visceral, visto que a cliente relata



sentimento de culpa por distanciar-se da família à procura de uma independência financeira.

Na última sessão, Fabíola tomou a decisão de ir embora da cidade: “Vou embora sim. não vou ficar aqui, já tá bem claro isso. (...) É tudo muito provinciano, tudo muito provinciano, eu não tenho condições.” (Sessão 10). Após o processo terapêutico, percebe que nem a antiga cidade, tampouco a nova são o seu lugar e encerra o processo terapêutico com o propósito de encontrar um novo lar. O caso, portanto, retrata um contexto de perdas múltiplas, mudanças e adaptações no período pandêmico que repercutiu na elaboração de luto da cliente, uma vez que o emprego perdido e a cidade anterior representavam parte do seu *self*, dos valores, dos seus papéis sociais e necessidades.

4 Considerações finais

O estudo que ora se encerra teve como objetivo analisar, com amparo na Abordagem Centrada na Pessoa, uma experiência de perdas múltiplas em um contexto demarcado pela pandemia. Durante o processo terapêutico, observou-se que a elaboração do luto relacionado à morte do pai tangenciou e entrelaçou outras perdas vivenciadas pela cliente. Constatou-se que uma perda central por morte de um membro familiar, acometido pela Covid-19, somada a perdas secundárias, constituiu um decurso de luto complexo. Assim, a sobreposição de perdas demandou intervenções que considerassem a singularidade do caso, a integralidade da vivência dos lutos e a contextualização da experiência no substrato sociocultural e político.

A prática centrada na pessoa facilitou a simbolização consciente das perdas múltiplas, de modo incondicional, congruente e empática, com substrato no quadro de referência interno da cliente. O ambiente facilitador favoreceu que a cliente ressignificasse o relacionamento com pai e a mãe, ampliasse seu autoconceito, simbolizasse a separação, entrasse em contato com as emoções e lidasse com as mudanças impostas pelo contexto pandêmico. Em complemento, o processo terapêutico contribuiu para melhor compreensão de si e das situações-problema vivenciadas.

A pesquisa teve como limitação a realização da coleta de dados apenas durante o período de Aconselhamento Psicológico até a última sessão, não sendo possível proceder à análise depois da alta para identificar a manutenção ou o aparecimento de eventuais novas mudanças da cliente. Apesar disso, acredita-se que o estudo contribui para a compreensão e manejo do luto na perspectiva da ACP, possibilitando melhor



fundamentação e a ampliação de intervenções ante demandas de perdas. Espera-se que novas pesquisas teóricas e empíricas sobre luto sejam desenvolvidas no âmbito da ACP, utilizando outras estratégias metodológicas e diversificando as fontes de evidências.

Referências

ALMEIDA FILHO, N. Pandemia de Covid-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. In: SANTOS, A. O.; LOPES, L. (org.). **Principais elementos**. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021. p. 214-225. Disponível em:

<https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/covid-19-volume1.pdf>.

Acesso em: 18 abr. 2020.

ALMEIDA, L. R. Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 177-190, ago. 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100015.

Acesso em: 22 jan. 2023.

BRASIL. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Secretaria de vigilância em Saúde e Ambiente. **Painel Coronavírus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CANO, D. S.; SAMPAIO, I. T. A. O método de observação na Psicologia: considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 199-210, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/6849/8141>. Acesso em: 19 mar. 2023.

CARR, D.; BOERNER, K.; MOORMAN, S. Bereavement in the Time of Coronavirus: Unprecedented Challenges Demand Novel Interventions. **Journal of Aging & Social Policy**, Londres, v. 32, n. 4, p. 425-431, maio. 2020. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/08959420.2020.1764320?scroll=top&needAccess=true&role=tab>. Acesso em: 04 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 11/2018**. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. 2018. Disponível em:

<https://site.cfp.org/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DOKA, K. **Disenfranchised grief**: recognizing hidden sorrow. Lexington: Lexington, 1989.

FEIJÓ, L. P.; FERMANN, I. L.; ANDRETTA, I.; SERRALTA, F. B. Índícios de eficácia dos tratamentos psicoterápicos pela internet: revisão sistemática. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 1-25, dez. 2021. DOI:

<https://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e16767>

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, ago. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WGzgV8McnFxCvXdy3wndy4F/?lang=pt>.

Acesso em: 15 abr. 2024.

GUIMARÃES, L.A.; MARINHO, Y.E.A.; PIMENTEL, A.R.F. O luto na separação: contribuições da psicologia para o seu enfrentamento. **Research, Society and Development**,



São Paulo, v. 12, n. 1, e16812138831, jan. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i1.38831>

HAUGH, S. A person-centred approach to loss and bereavement. In: TOLAN, J.; WILKINS. (org.). **Client issues in counselling and psychotherapy**: Person-centred practice. Thousand Oaks: Sage Publications, 2012. p. 15-29.

LARSON, D. G. A person-centred approach to grief counselling. In: COOPER, M.; O'HARA, M.; SCHIMID, P. F.; BOHART, A. C. (orgs.). **The Handbook of Person-Centred Psychotherapy & Counselling**. 2. ed., New York: Springer Nature, 2013. p. 313-326.

MAYLAND, C.; R., HARDING, A.; PRESTON, N.; PAYNE, S. Supporting Adults Bereaved Through COVID-19: A Rapid Review of the Impact of Previous Pandemics on Grief and Bereavement. **Journal of Pain and Symptom Management**, Massachusetts, v. 60, n. 2, p. 33-39, ago. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7228694/>. Acesso em: 05 maio 2023.

MCLAREN, J. A new understanding of grief: A counsellor's perspective. **Mortality**, Londres, v. 3, n. 3, p. 275-290. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1080/713685955>

MEDEIROS, K. T.; MACIEL, S. C.; SOUSA, P. F.; TENÓRIO-SOUZA; F. M.; DIAS, C. C. V. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 269-279, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MGGG5R3MMmszKjgjn8D5NqH>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MENDONÇA, A. Mais uma vez, Bolsonaro imita pessoa com falta de ar durante live nas redes. **Estado de Minas**, 7 mai. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/07/interna_politica,1264453/mais-uma-vez-bolsonaro-imita-pessoa-com-falta-de-ar-durante-live-nas-redes.shtml. Acesso em: 24 jun. 2023.

MORRIS, S. E.; MOMENT, A.; THOMAS, J. L. (2020). Caring for Bereaved Family Members During the COVID-19 Pandemic: Before and After the Death of a Patient. **Journal of Pain and Symptom Management**, Plymouth, v. 60, n. 2, p. 70-74, ago. 2020. Disponível em: [https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924\(20\)30371-7/fulltext](https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924(20)30371-7/fulltext). Acesso em: 13 abr. 2024

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, set. 2020. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 12 abr. 2024

NASCIMENTO, R. B.; ARAUJO FILHO, E. S. D.; CERQUEIRA, G. D. L.; CARNEIRO, D. G.; CARMO, E. S. D. S. Após o fim de um relacionamento amoroso: uma revisão narrativa. **Revista PubSaúde**, Maringá, v.7, a233, p. 1-17, ago. 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude7.a233>



OLIVEIRA, W. K.; DUARTE, E.; FRANÇA, G. V. A.; GARCIA, L. P. Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, p. e2020044, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200023>

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus editorial, 1998.

RAMOS, V. A. O Processo de Luto. **Revista Psicologia**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 13-24, set. 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

RODRÍGUEZ-CEBERIO M.; AGOSTINELLI, J.; DAVERIO R.; BENEDICTO G.; COCOLA F.; JONES G.; CALLIGARO, C.; DÍAZ-VIDELA, M. Psicoterapia online en tiempos de Covid-19: adaptación, beneficios, dificultades. **Arch Med (Manizales)**, Manizales, v. 21, n. 2, p. 48-555, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/09/1291870/20-covid-psicoterapia-online-en-tiempos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 8. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ROGERS, C. R.; KINGET, M. G. **Psicoterapia e Relações Humanas**: Teoria e prática da terapia não-diretiva. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SANTOS, W. P.; FREITAS, F. B. D.; SOUSA, V. A. G.; OLIVEIRA, A. M. D.; SANTOS, J. M. M. P.; GOUVEIA, B. L. A. Sobrecarga de cuidadores idosos que cuidam de idosos dependentes. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 10, n. 2, e607, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.607>

SCORSOLINI-COMIN, F. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 02-14, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822014000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 19 abr. 2024

SILVA, I.T.; OKAMOTO, M.Y. Vínculos amorosos em jovens adultos: rompimentos e separações. **Vínculo-Revista do NESME**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 52-74, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n1p52-74>

SIQUEIRA, A. C.; AZEVEDO, D. F. Terapia do Luto: intervenções clínicas na elaboração do processo de luto. **Revista Farol**, Rolim de Moura, v. 9, n. 9, p. 341-355, jan. 2020. Disponível em: <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/154>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOPHIA, E. C.; TAVARES, H; ZILBERMAN, M. L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 55-62, mar. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000003>



SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, e35412, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p. 253–267, abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100013>

TODESCO, S. P. R. "É tudo aquilo que você não quer": percepções e experiências de luto decorrentes do isolamento social na pandemia do COVID-19. 2020. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Ânima Educação, Florianópolis, 2020.

WORDEN, J. **Grief Counselling & Grief Therapy**. Londres e Nova York: Tavistock Publications, 1983.

YIN, R.K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman. p. 290, 2015.

ZHAI, Y.; DU, X. Loss and grief amidst Covid-19: a path to adaptation and resilience. **Brain, Behavior, and Immunity**, Londres, v. 87, p. 80-81, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.053>

Recebido em: 28 de maio de 2024.

Aceito em: 02 de novembro de 2024.